

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO, AGRADECIMENTOS, por Mafalda Ferro	9
NOTA PRÉVIA, por Joaquim Domingues	12
PORTUGAL, RAZÃO E MISTÉRIO: UMA REFLEXÃO por Pinharanda Gomes (Em <i>Diário do Minho</i> , 8 de Novembro de 1986).....	15
INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO, Por Francisco da Cunha Leão.....	17
PORTUGAL, RAZÃO E MISTÉRIO – PRIMEIRO VOLUME Uma Arqueologia da Tradição Portuguesa Introdução ao Portugal Arquétipo A Atlântida Desocultada O País Templário	19
PREFÁCIO À RAZÃO E AO MISTÉRIO DE PORTUGAL.....	22
PRIMEIRA PARTE	
INTRODUÇÃO AO PORTUGAL ARQUÉTIPO	38
I – A Herança: Símbolos e Arquétipos	39
1 – Camões – herança, prece e <i>poiesis</i>	39
2 – A visão de Camões: cosmologia e harmonia do mundo	43
3 – O espírito do lugar	46
4 – O espírito dos elementos.....	55
5 – A terra da serpente	61
II – O Arquétipo do Homem Português	66
1 – Introdução à reflexão actual sobre o homem português.....	66
2 – Do <i>Ultimatum</i> ao pensamento regeneracionista.....	69
3 – D’A <i>Águia</i> ao <i>Orpheu</i>	72
4 – Algumas correntes modernas	74
5 – Os discípulos de Leonardo Coimbra e a filosofia portuguesa.....	77
6 – O estudo da psicologia portuguesa.....	80

7 – O arquétipo do Português.....	82
8 – Do exílio às condições do reencontro.....	88
9 – Arqueologia e futuro	90

SEGUNDA PARTE

A ATLÂNTIDA DESOCULTADA.....	93
1 – A revelação do Escoural	94
2 – Fundamentos escatológicos da civilização megalítica.....	99
3 – Uma civilização fundadora e missionária	108
4 – A civilização megalítica portuguesa	115
5 – A lenda e utopia de Atlântida	120
6 – Desocultação da Atlântida	125
7 – Jardim das Hespérides e Idade do Ouro	128
8 – Creta e alguns símbolos da expansão atlântida: o barco curvo, a espiral, o labirinto, o touro, a dança ritual	131
9 – O <i>tholoi</i> , a tourada, a serpente, o obelisco.....	139
10 – Sobre as origens da escrita.....	145
11 – Atlantes e Lusitanos.....	152
12 – Do homem atlante ao homem português.....	156

TERCEIRA PARTE

O PAÍS TEMPLÁRIO	160
1 – Teleologia e providencialismo	161
2 – São Bernardo, guia espiritual	166
3 – O país templário.....	169
4 – Templarismo e Joanismo.....	178
5 – O Templo e o Graal	186

PORTUGAL, RAZÃO E MISTÉRIO – SEGUNDO VOLUME

O Projecto Áureo ou O Império do Espírito Santo O Império segundo Dinis e Isabel O Império segundo Avis Os Painéis de Nuno Gonçalves e a « <i>religião de Avis</i> ».....	199
---	-----

PRIMEIRA PARTE

O IMPÉRIO SEGUNDO DINIS E ISABEL.....	201
I – Introdução à <i>paideia</i> dionisíaca.....	202
II – Joaquim de Flora e a teoria das três idades em Portugal.....	209

III – A influência de Joaquim de Flora no pensamento europeu (de Dante e dos «espirituais» à filosofia alemã, francesa, russa e portuguesa)	219
IV – Dinis e Isabel, criadores das Festas do Império	226
V – As primeiras Festas do Império e o ritual antigo da Coroação do Imperador do Espírito Santo	235
1 – Introdução histórica.....	235
2 – O simbolismo das três coroas	243
3 – A procissão da Candeia e o Domingo dos Fogaréus.....	245
4 – O papel da Rainha Santa.....	246
5 – «Na Coroa portuguesa, o Império Universal do Mundo»	248
VI – A Festa do Império em Portugal Continental.....	249
1 – Ontem Uma panorâmica a voo de pássaro.....	249
2 – Hoje No Penedo (persistência das Festas de Sintra).....	257
Em Tomar	263
VII – A «Festa do Divino» nos Açores	266
1 – Introdução e pausa para uma reflexão histórica e teológica	266
2 – A tradição popular viva nas ilhas	274
VIII – As Festas do Espírito Santo no Brasil – Apontamentos	285
IX – Língua portuguesa e filosofia portuguesa na primeira Universidade do País	294
X – A extinção da Ordem do Templo	300
XI – Da Ordem do Templo à Ordem de Cristo	308
XII – Quinto Evangelho, Quinto Império, Império do Espírito Santo.	315

SEGUNDA PARTE

O IMPÉRIO SEGUNDO AVIS.....	331
I – O Império do Espírito Santo e os Descobrimentos	332
1 – Os Franciscanos e a Ordem de Cristo no «espiritual» da expansão portuguesa	332
2 – O enigma do Preste João: uma leitura joanina.....	343
II – Os Painéis de Nuno Gonçalves e a «religião de Avis» – Quatro planos de interpretação.....	354
1 – A «leitura» da simbologia antiga: uma tradição esquecida	354
Figuras principais no Político de Nuno Gonçalves identificadas por António Quadros	361

2 – Nuno Gonçalves e o Político das Janelas Verdes.....	365
3 – Premissas fundamentais para uma leitura adequada dos Painéis	373
4 – 1467-70 – data provável do Político.....	382
5 – Quem é o Santo dos Painéis.....	387
6 – Os Painéis do Paço de Sintra.....	392
7 – Os Painéis do Infante Santo.....	405
8 – Os Painéis da religião de Avis.....	417
9 – O protocolo e o simbolismo dos Painéis.....	430
I – A identificação das figuras principais e a aliança das Casas irmãs de Avis e de Borgonha.....	430
II – Os «pares» em contraponto, a missão das Ordens de Avis e de Cristo, o autor intelectual dos Painéis.....	442
III – O descobrimento da imagem do Infante Santo, figuração das duas beatitudes e da dupla fidelidade de Avis.....	451
10 – As tábuas e as figuras complementares em revisão final.....	460
I – Painel dos Cistercienses, <i>conhecido como</i> Painel dos Frades.....	460
II – Painel das Confrarias do Espírito Santo, <i>conhecido como</i> Painel dos Pescadores.....	462
III – Painel da Aliança no Espírito Santo, <i>conhecido como</i> Painel do Infante.....	466
IV – Painel da Missão das Ordens de Cristo e de Avis, <i>conhecido como</i> Painel do Arcebispo.....	466
V – Painel dos Cavaleiros.....	469
VI – Painel da Relíquia.....	471
EPÍLOGO.....	476

PORTUGAL, RAZÃO E MISTÉRIO – TERCEIRO VOLUME

O Cálice da Última Tule.....	481
------------------------------	-----

PROLEPSE

O CONHECIMENTO HISTÓRICO E A RAZÃO ESTÉTICA.....	483
I – Antiguidade, tradição e razão criacionista.....	484
II – A história: ciência positiva ou conjugação filosófica de saberes?	491
III – O espírito da tradição.....	500
IV – Razão estética e imaginário simbólico e mítico.....	503

PORTUGAL, PROMONTÓRIO SACRO	509
I – O sagrado e o hierofânico no mundo moderno	510
II – A pátria e o sagrado	519
III – Hierofania e teleonomia	525
IV – O país da Luz.....	529
V – A sacralização cristã do reino português.....	543
1 – O herói mítico da fundação.....	543
2 – A cristofania de Ourique	560
I – Na <i>Crónica de Portugal de 1419</i>	560
II – Em <i>Os Lusíadas</i>	562
POSFÁCIO: «ANTÓNIO QUADROS: HERANÇA, DIÁLOGO E LEGADO», por Pedro Martins.....	564
ANTÓNIO QUADROS, ENTREVISTADO POR ANTÓNIA DE SOUSA, em <i>Diário de Notícias</i> , 11 de Março de 1993, dez dias antes da sua morte	575

PRIMEIRA PARTE
INTRODUÇÃO
AO PORTUGAL ARQUÉTIPO

Eternos moradores do luzente
Estelífero polo e claro assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

CAMÕES, 1572
Os Lusíadas, Canto I, 24

Faça cada português as suas pazes com Camões
e de novo, no Infinito, radiosa e feliz, a Pátria há-de sorrir.

LEONARDO COIMBRA, 1920
Camões e a Fisionomia Espiritual da Pátria

I
A HERANÇA:
SÍMBOLOS E ARQUÉTIPOS

1 – CAMÕES – HERANÇA, PRECE E *POÏESIS*

O maior poeta dos Portugueses, o seu rapsodo, a voz angustiada, iluminada, teleonómica do seu ser profundo, viu publicada em 1572 a *opera magna*, a que dedicou os últimos anos de uma existência aventureira e apaixonada.

O poema *Os Lusíadas* não foi só a composição humanista, cultista e renascentista inspirada nos modelos clássicos de Homero e de Virgílio, não foi apenas a contrapartida epopeica e patriótica do seu lirismo platonizante, petrarquiano e conceptista, como não foi unicamente a reacção apaixonada de um idealista ferido pelo ambiente de uma *nação caída no gosto da cobiça e na rudeza / duma austera, apagada e vil tristeza*²⁵, porque estamos essencialmente perante a expressão em termos épicos (a que não falta a sensibilidade lírica) de uma herança ou revelação recebida por via tradicional, de um apelo dirigido ao Rei, à aristocracia e ao povo, de uma prece ao divino e, enfim, de uma *poïesis* transfiguradora.

Herança cultural, herança axiológica, herança humana e social, herança teleológica desentranhada dos sinais visíveis de uma longa experiência histórica, trazida à tona da consciência desde os recessos do seu inconsciente arcaico, lida na identificação natural com um destino colectivo e na vivência dolorosa de um quotidiano decaído, mas ainda não totalmente cindido da grandeza antiga e porventura a tempo de ser salvo do mergulho definitivo na insignificância ou no anonimato históricos, herança que Luís de Camões, o lírico, o aventureiro, o apaixonado, a partir de certa altura da sua vida em verdade recebeu, reconheceu e assumiu como uma revelação deslumbrante, a que valia a pena dedicar

25 *Os Lusíadas*, Canto X, 145.

os dias, os meses, os anos, o melhor do seu ser, consumido no fogo e no entusiasmo de uma grande obra poética, não apenas expressiva, mas sobretudo criacionista.

Em seu redor viu o edifício em escombros, o rio faiscante vindo de longe agora cortado e desviado, a revelação transformada em segredo íntimo da sua alma, por muitos esquecida e só por raros partilhada ainda. O poema arranca desta consciência dolorosa de uma queda histórica, estímulo ao dinamismo criacionista que o caracteriza e distingue, entre muitas outras epopeias clássicas e humanistas da época.

Em este dinamismo criacionista desenvolve-se efectivamente nas três instâncias apontadas. *Apelo dirigido ao rei, à aristocracia e ao povo*, em primeiro lugar, no plano político, no plano da vontade, no plano pragmático. Tratava-se de colocar o organismo social da nação perante o dever de se restaurar, de se regenerar, de se curar da esclerose, da apatia, da degenerescência, da redução política da comunidade a um aglomerado de interesses egoístas e sem grandeza, mediante a tomada de consciência de que fora até há pouco tempo como entidade colectiva e trans-histórica, e do imperativo ético a que se obrigavam, a começar pelo Rei, os que não tinham perdido totalmente o sentido da honra e da dignidade de serem portugueses, isso a que os Gregos, no período criador da sua vida e cultura, chamavam a *arete* e a que Camões chama *amor da pátria, não movido / De prémio vil, mas alto e quase eterno*²⁶.

Ao Rei, D. Sebastião, *maravilha fatal da nossa idade, / Dada ao mundo por Deus, que todo o mande, / Para do mundo a Deus dar parte grande*²⁷, se dirige primordialmente o poeta, em incitamento a que reassuma o facho da grandeza e da glória lusíadas de antanho, em transe de queda ou perdição na última parte do reinado do seu antecessor, D. João III, crescentemente estrangeirado, e bem assim na regência da sua avó D. Catarina.

Apelo inofismável ao Desejado. *E, enquanto eu estes canto e a vós não posso / / Sublime Rei, que não me atrevo a tanto, / Tomai as rédeas vós do Reino vosso, / / Dareis matéria a nunca ouvido canto*²⁸. Apelo a uma regeneração e mais

26 *Ibid.*, Canto I, 10.

27 *Ibid.*, Canto I, 6.

28 *Ibid.*, Canto I, 15.

do que a uma regeneração, à criação portuguesa do Quinto Império²⁹, aplicando a Portugal, antes de D. João de Castro ou do Padre António Vieira, a profecia do profeta Daniel, na sua interpretação do sonho de Nabucodonozor³⁰. O Rei de Portugal, D. Sebastião, será, conforme intento dos Fados, Imperador do V Império, sucessor e sublimador dos quatro Impérios ou ciclos civilizacionais anteriores, o Assírio, o Persa, o Grego e o Romano. Releia-se a estância, que não deixa margem para dúvidas a este respeito, em que o poeta faz Júpiter falar deste modo aos restantes deuses do Olimpo: *Eternos moradores do luzente, / Estelífero polo e claro assento: / / Se do grande valor da forte gente / de Luso não perdeis o pensamento, / Deveis de ter sabido claramente / Como é dos Fados grandes certo intento / Que por ela se esqueçam os humanos / De Assírios, Persas, Gregos e Romanos*³¹.

E se o poeta exalta *as armas e os Barões assinalados / Que, da ocidental praia lusitana, / Por mares nunca dantes navegados / Passaram ainda além da Taprobana*³² ou também *as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando / A Fé, o Império, e as terras viciosas / De Africa e da Asia*³³, e ainda *aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando*³⁴, dirige-se ao mesmo tempo, numa exortação à unidade em volta do Desejado, cabeça do Império prometido, aos *vassalos excelentes, a tudo aparelhados e sempre obedientes, que por várias vias irão, quais rompantes leões e bravos touros, / Dando os corpos a fomes e orgias, / A ferro, a fogo, a setas e pelouros, / / A quentes regiões, a plagas frias, / A golpes de Idolatras e de Mouros, / A perigos incógnitos do mundo, / A naufrágios, a peixes, ao profundo*³⁵.

E um último conselho, falando agora ao orgulho e à consciência que os Portugueses devem ter do seu próprio valor: *Fazei, Senhor, que nunca os admirados / Alemães, Galos, / Ítalos e Ingleses / Possam dizer que são para mandados, / Mais que para mandar, os Portugueses*³⁶. São os poderosos europeus da época, perante os quais o poeta não tem o complexo de inferioridade que mais tarde desceria sobre o nosso espírito empecido...

29 Tema que será tratado num capítulo posterior.

30 In *Livro de Daniel, Bíblia Sagrada*, Ed. Verbo, Lisboa, 1982, pp. 1016 e 1017.

31 *Os Lusíadas*, Canto I, 24.

32 *Ibid.*, Canto I, 1.

33 *Ibid.*, Canto I, 2.

34 *Ibid.*

35 *Ibid.*, Canto X, 146-148.

36 *Ibid.*, Canto X, 152.

Uma prece ao divino. Em aparência menos saliente, há contudo também n'Os *Lusíadas*, inclusa e como escondida mas omnipresente, a oração, a súplica a todo o momento dirigida para Júpiter (figuração simbólica da *Santa Providência*)³⁷ e para os deuses (figurações dos Anjos)³⁸, a palavra silenciosa enviada nas asas da poesia ao *Sumo Deus, que por segundas / / Causas obra no mundo, tudo manda*³⁹, para que se cumpra o destino glorioso de Luso ou do Lusíada a quem *prometido lhe está do Fado eterno, / / Cuja alta lei não pode ser quebrada, / Que tenha longos tempos o governo / Do mar que vê do Sol a roxa entrada*⁴⁰.

E a São Tomé, o apóstolo da Pérsia e das Índias de que os Portugueses seriam os continuadores ou os discípulos, dedicando-lhe por isso doze estâncias⁴¹, assim se dirige: *pedimos-te que a Deus ajuda peças / Com que teus lusitanos favoreças*⁴².

Mais poderosa é todavia em Camões a *poiësis* transfiguradora. *Poiësis*, acto de fazer, no caso de *fazer* como *edificar* ou *construir*, pela magia da palavra, do verso e do ritmo. Neste sentido, cantar não é uma forma unicamente estética, é, pela lei mágica das equivalências, accionar uma energia (energia espiritual, verbal e poética) que tem consigo uma força por assim dizer ôntica, na concepção heideggeriana de que a palavra, e mais fortemente a palavra poética, não é apenas desveladora, mas também fundadora do ser. Em análogo sentido, palavra e palavra poética são para Leonardo Coimbra *criacionistas* e por isso escreveu que *as oitavas dos Lusíadas, ondas do mar salgado, são eternos estremecimentos da memória, esculpindo no Infinito a fisionomia espiritual da Pátria*⁴³.

Ora, *esculpir a fisionomia espiritual da Pátria* é libertá-la de toda a impureza e de toda a contingência, elevá-la ao essencial e assegurar-lhe a perenidade na sua *forma*, na sua *substância* e no seu *movimento*, segundo um arquétipo ideal.

37 *Ibid.*, Canto X, 83.

38 *Ibid.*, Canto X, 84.

39 *Ibid.*, Canto X, 85.

40 *Ibid.*, Canto I, 28.

41 *Ibid.*, Canto X, 108 a 119.

42 *Ibid.*, Canto X, 118.

43 Leonardo Coimbra, «Camões e a fisionomia espiritual da Pátria», discurso proferido no Teatro Águia de Ouro, do Porto, a 10 de Junho de 1920, in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, Ed. Verbo, Lisboa, 1984.

A epopeia portuguesa é prometaica, diz Leonardo, mas se a *Luz prometaica iluminara os mundos, não tendo sido o Espaço regelado comovido por essa fria luz de inteligência*, as naus da cruz de Cristo levavam consigo a *candeia cristã*, para *purificar e aquecer essa luz*, isto é, transportavam e expandiam o *Amor, a Grande Presença Universal, dadivosa e inesgotável*⁴⁴.

Há que retomar, por isso, a *Grande Viagem* interrompida, detida ou desviada na sua determinação original, há que refazer um povo de sábios, de santos e de heróis, há que reconstituir o ímpeto genesiaco que da ideia para o acto deu corpo à gesta. Em Camões, a evocação ardente e constante do *engenho e arte*⁴⁵, de um *estilo grandiloquo*⁴⁶, de uma *fúria grande e sonora*⁴⁷ que movam e comovam as ideias, as almas, as vontades dos portugueses do presente, mais cobiçosos do que abnegados, mais apagados na insignificância cinzenta de uma vil tristeza do que realizando com entusiasmo e alegria uma grande obra de civilização, é portadora da vontade por assim dizer mágica de recriar, no *duplo* fundador do poema, o projecto português de uma Jerusalém celeste à escala ecuménica, neste mundo.

Foi a partir de uma compreensão profunda do poema, não na sua face voltada para o passado, mas na sua face voltada para o futuro, no sentido de que *Os Lusíadas* contém poderosas sementes de idealismo e de criacionismo, capazes de fundamentar uma renascença nacional, que Leonardo Coimbra escreveu, no final do mesmo texto: *faça cada português as suas pazes com Camões e, de novo, no Infinito, radiosa e feliz, a Pátria há-de sorrir*⁴⁸.

2 – A VISÃO DE CAMÕES: COSMOLOGIA E HARMONIA DO MUNDO

Retomar Camões, hoje, em época em que uma nova versão de pátria *caída no gosto da cobiça e na rudeza / duma austera, apagada e vil tristeza*,

44 *Ibid.*

45 *Os Lusíadas*, Canto I, 2.

46 *Ibid.*, Canto I, 4.

47 *Ibid.*, Canto I, 5.

48 «Camões e a fisionomia espiritual da Pátria», obr. cit.

se nos apresenta ou nos envolve de uma forma mais sombria ainda, mais nocturna e mais angustiada, será rever e sobretudo reflectir sobre o seu destino, à luz da nossa experiência, mais pesada de quatro séculos, e do nosso pensamento de hoje, temperado pela longa batalha das ideias, no dealbar de um mundo disposto a transcender as ilusões, as alienações, as ligeiras intelectuais e ideológicas destes últimos cem anos de positivismo e de materialismo, redutores da complexidade e da profundidade do espírito humano.

Estas doutrinas parecem dominar hoje o mundo. Mas o mundo, incluindo Portugal, almeja outros horizontes, tem outros sonhos, quereria rumar para outras águas e outros continentes, que não são os do passado histórico, pois não se pode voltar atrás, mas também não são os das utopias iluministas, totalitaristas ou radicalmente pragmatistas, em que o melhor do ser do homem é violado, bloqueado ou anestesiado.

De *Os Lusíadas* se nos impôs partir para repensar a experiência histórica, a experiência mental, a experiência espiritual e cultural desta nação da finisterra ocidental europeia, porque Camões foi o primeiro que a assumiu e interpretou na sua globalidade, o primeiro que apontou o seu lugar inconfundível na relatividade dos povos europeus, ainda se optimizando (com fins prospectivos e operativos) as suas possibilidades, o primeiro, enfim, que reflectiu sobre a distância entre o real e o ideal, entre a conjuntura negativa e o arquétipo a atingir, num horizonte não apenas humano, mas teocosmológico.

O filósofo alemão Reinhold Schneider, autor de uma das mais notáveis biografias⁴⁹ sobre o nosso poeta, pela qual recebeu aliás o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Münster, escreveu que o *mais extraordinário* em Camões, além da *súmula única do destino de um povo e da encarnação artística de uma ideia histórica e além da própria concepção da missão histórica, é a sua visão da natural harmonia do mundo, visão simultaneamente natural e transcendente*⁵⁰.

O grande poema épico de Camões, precisa luminosamente, *assemelha-se* – e a comparação não é decerto nova – *às colunas erguidas à memória dos*

49 Reinhold Schneider, *Camões, Angústia e Tragédia*, trad. portuguesa, Ed. Herder, São Paulo, 1976.

50 Reinhold Schneider, *Europa e a Alma de Portugal*, trad. portuguesa, 1.ª ed., Instituto Alemão de Lisboa, 1958, p. 23.

*imperadores Adriano e Trajano: a espiral ascendente de uma grandiosa faixa em relevo representa as cenas mais importantes, não de uma vida ou de um determinado acontecimento, mas da existência e missão histórica de um povo. Consequentemente, a coluna lusitana de Camões não é encimada por uma estátua, mas por uma esfera armilar, o brasão de D. Manuel, o Venturoso, o símbolo da harmonia do mundo. Pois é a harmonia do mundo, que não ouro, tesouros e poderio, o galardão concedido a Vasco da Gama, na última imagem da banda em relevo, pela sua deusa e seu demónio, por Vénus: uma dádiva e incumbência espiritual, uma predestinação a que os homens podem recusar-se, sem que, todavia, a possam dar por cumprida*⁵¹.

Refere-se Schneider às estâncias filosóficas e cosmológicas do Canto X, em que, na Ilha dos Amores, Vénus dá a Vasco da Gama um globo ou esfera transparente. Diz-lhe a Deusa: *o transunto, reduzido / Em pequeno volume, aqui te dou / Do Mundo aos olhos teus, para que vejas / Por onde vás e irás e o que desejas. / Vês aqui a grande máquina do Mundo / Etérea e elemental, que fabricada / Assim foi do Saber, alto e profundo, / Que é seu princípio e meta limitada. / Quem cerca em derredor este rotundo / Globo e sua superfície tão limada, / É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende, / Que a tanto o engenho humano não se estende*⁵².

Com estes versos que reflectem a sabedoria de uma época e que erguem o poema ao nível das grandes epopeias não só teleológicas mas também escatológicas, a meio caminho entre o *epos* de Virgílio e o de Dante, quis Luís de Camões significar que a sua obra não é simplesmente nacionalista, porque a própria missão de Portugal ultrapassa a vontade de ser e de poder de um povo. Este passo exprime, aliás, a tradição portuguesa, tal como expressa na manuelina *esfera armilar*, de que o poeta dá a correcta interpretação em termos cosmológicos e poéticos. Muito mais tarde, caberia ao mais lídimo discípulo de Camões, Fernando Pessoa, fazer emergir toda a significação transcendental da aventura lusíada no mundo, afinal uma aventura de Deus no Cosmos. *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. / Deus quis que a terra fosse toda uma, / Que o mar unisse, já não separasse. / Sagrou-te, e foste desvendando a espuma*⁵³, pode efectivamente ler-se na *Mensagem*, em poema dedicado ao Infante D. Henrique.

⁵¹ *Ibid.*

⁵² *Os Lusíadas*, Canto X, 79 e 80.

⁵³ F. Pessoa, *Mensagem*, obr. cit., p. 109.

Epopeia de Deus através do homem português, será que a história da portugalidade encerra um mistério cuja decifração pode ser a resposta para as interrogações de um hoje aparentemente satisfeito da sua razão prática e do seu progresso, mas escondendo uma grande frustração? Aproximemo-nos e vejamos o que nos é dado poder ver.

3 – O ESPÍRITO DO LUGAR

Região antiquíssima, a portuguesa. Participou desse primeiro despertar da arte, a pintura rupestre dos caçadores-pintores paleolíticos, que no Escoural deixaram gravações e desenhos em testemunho seguro de presença. Não têm conta as suas antas e os seus menires, atestando a pujança, no Neolítico, de uma civilização megalítica que terá feito nascer o primeiro ímpeto religioso para a imortalidade. E todas as paisagens do mundo numa só paisagem, cuja variedade e cujos contrastes formam uma síntese singular, ora se erguendo nas suas cadeias de montanhas e no declive suave dos seus montes e colinas, ora se rasgando em longos vales generosos, ora se estendendo a perder de vista, sem sombras, na estepe alentejana, ora se recortando em torneado barroco de cabos, promontórios, baías, praias e escarpas, na toalha de um mar de que não se vêem os horizontes.

Terra difícil, que só excepcionalmente se suaviza, na beleza do seu litoral ou nos cenários verdejantes e floridos de algumas regiões de eleição, problematiza-se e desafia o esforço dos seus filhos pelo deficiente regime de chuvas, pela aridez das serranias e pela pobreza do solo, mal compensada pela sua exiguidade e pelo isolamento ou o seu insulamento, apertada como se viu historicamente entre o Atlântico e a Espanha, país-tampão a separar e a distanciar do resto da Europa, quando não empenhado em absorver o que escapou ao centralismo castelhano.

Mas terra que prende e atrai, a portuguesa, e de tal modo que muito da significação da saudade lusíada deriva do nosso amor do húmus e das raízes, que ninguém cantou como Teixeira de Pascoaes ou como Miguel Torga. Para este, o próprio mar perde presença e força. A potência hipnótica da realidade telúrica impõe-se ao português do interior, que nem sempre viu com bons olhos o nosso expansionismo, antes fincando a sua

crença vital em elemento mais palpável e sólido. De tudo o mais se pode duvidar mas *nunca, por nenhuma razão*, canta o poeta, *descrever do chão / Duro e ruim*⁵⁴. No balanço de toda uma existência, herdeiro de camponeses, acrescenta: *hoje / Sei apenas gostar / Duma nesga de terra / Debruada de mar*⁵⁵.

Em texto recente, António Alçada Baptista converge com este ponto de vista, ao acentuar que é na realidade regional específica, viabilizando uma *presença do sagrado* e uma *relação pessoa a pessoa através do nome próprio*, que *nasce e se enraíza a ideia de Pátria: porque a Pátria nasce nas aldeias e não é possível nas grandes cidades*⁵⁶. Noutra página, acrescenta que *a relação indiscutivelmente forte e inabalável do imigrante com a Pátria vem, fundamentalmente, do facto de terem nascido nas aldeias. Se tivessem nascido na grande cidade, facilmente se integrariam de metrópole a metrópole, dentro da mesma uniformidade. O que eles sentem profundamente é uma saudade geográfica, humana e de pequena história que não seria possível sem a recordação da aldeia*⁵⁷.

No citado poema de Miguel Torga, o mar surge-lhe como um ornamento, um debrum, algo de exterior ao essencial, um elemento segundo, mas noutras poesias é a imagem simbólica da tentação, da traição e da dor: *Mar, / Enganosa sereia louca e triste! / Foste tu quem nos veio namorar. / E foste tu depois que nos traíste! / Mar! E quando terá fim o sofrimento! / E quando deixará de nos tentar / O teu encantamento?*⁵⁸

Depois do retorno dos marinheiros, dos aventureiros e dos colonos de além-mar, depois do que considerou a própria desfiguração do país ibérico, em duas páginas do seu *Diário XII* (datadas de 1977), foi ainda na paisagem, *única realidade que hoje vale a pena em Portugal*⁵⁹, como disse, que o poeta encontrou consolo. A terra portuguesa é *um panorama inolvidável [...]*, o resto é só *amargura*⁶⁰.

Mas a terra, o chão, a raiz, a aldeia, sendo embora traves de apoio ou contrafortes da nossa estrutura psíquica, estão longe de a caracterizar globalmente. É certo que hoje, como está escrito implicitamente nos

54 Miguel Torga, in *Antologia Poética*, Coimbra, 1981, p. 137.

55 M. Torga, in *Portugal*, Coimbra, 4.^a ed., 1980, p. 7.

56 António Alçada Baptista, *Peregrinação Interior*, Vol. II, *O Anjo da Esperança*, Eds. Uranus, Lisboa, 1982, p. 228.

57 *Ibid.*, p. 229.

58 M. Torga, in *Antologia Poética*, obr. cit., p. 143.

59 M. Torga, *Diário XIII*, Coimbra, 1983, p. 10.

60 *Ibid.*, pp. 11 e 12.

versos de Torga, figuram aparentemente uma das poucas traves, que nos seguram ainda, mas não podemos esquecer aspectos menos patentes, mas nem por isso menos autênticos da saudade do emigrante lusíada, a relação com o inconsciente colectivo, com toda uma estrutura de relações humanas, com o espírito da língua, com uma tradição histórica comum, com a lembrança de uma solidariedade colectiva que transcende a região, com uma cultura nacional absorvida em diversos planos. É por isso que a nosso ver e pensar, ao lado da saudade do emigrante camponês, que não é só regionalista, há também a saudade do emigrante ou do exilado culto e cidadão, que muitas vezes redescobre o próprio e o original do seu país na distância saudosa que o agarra e ao mesmo tempo o introduz a uma nova objectividade. Será preciso recordar os casos exemplares de Camões, de Nobre, de Bruno, de Pessoa e de muitos outros autores antigos e contemporâneos? Eles têm o seu equivalente em cidadãos, como em homens de origem rural, transplantados mas anónimos, que por esse mundo fora se acham ainda ligados à pátria por laços mais anímicos do que espirituais.

Aliás, se isoladas e absolutizadas, a terra, a raiz, a aldeia tornar-se-iam uma redução do todo à parte, impedindo-nos de entender o espírito deste lugar que é o nosso, em toda a sua complexidade, verdade e riqueza de significações. É certo que se trata desses elementos concretos e próximos, que se nos apresentam como uma evidência imediata, tendo por si a força dos laços familiares e de amizade, senão um sentido de propriedade, não esquecendo uma longa tradição ancestral, a sedução estética da beleza natural envolvente e a epopeia do trabalho agropastoril ao longo de incontáveis gerações.

Eles não devem esconder-nos, no entanto, o singular e mesmo o único desta nossa *nesga de terra debruada de mar* que, estreita faixa do sudoeste ibérico, se situa no extremo-ocidente da Eurásia.

Trata-se de uma periferia, por certo, com todas as dificuldades sociais e económicas das periferias, por afastadas das zonas centrais dos naturais mercados comuns das massas continentais, mas é a periferia terminal ou principal da Europa, cuja área geográfica é a mais rica em sementes de dinamismo e em impulso prospectivo, o continente que no decurso dos dois últimos milénios havia de ultrapassar e superar os restantes, não menos ricos de qualidades, de virtualidades e de valores, é certo, mas em

geral detidos e anquilosados na sua vida histórica pelo predomínio do estático sobre o dinâmico, dos mitos circulares sobre as religiões abertas, das culturas padronizadas e repetitivas sobre as culturas inventivas.

A água, não a água das chuvas, dos poços, das barragens ou dos pequenos rios, mas a água dos grandes rios ou dos mares, é o elemento genesíaco do movimento das civilizações, o catalisador das grandes transformações históricas.

Foram antes de mais nada os caminhos do mar que tornaram possível o primeiro grande passo de expansão civilizacional, as misteriosas navegações dolménicas, em barcos de proa redonda, cuja pátria original e cujo cais geográfico de partida terá sido como veremos o nosso sudoeste luso e galaico. Foram os grandes rios desmesurados, com as suas cheias e a sua força incontroável, que deram origem às primeiras civilizações agrárias de grande estilo, no Egipto, na Mesopotâmia e no Vale do Indus. Foi esse amplo mar interior, o Mediterrâneo, que presidiu ao nascimento das civilizações da razão e do espírito, Grécia e Roma, a Fenícia, a Palestina, a Judeia, as nações árabes, mais tarde a Idade Média europeia e o Renascimento de signo italiano ou francês. E, depois desses três ciclos fundamentais, ou seja o ciclo dolménico, o ciclo orográfico-agrário, o ciclo mediterrânico desdobrando-se em várias épocas, foi de novo um mar imenso, o Oceano Atlântico, que promoveu o quarto ciclo, o ciclo da expansão marítima europeia, através da sua cabeça de proa, Portugal.

Eis porque a situação deste sudoeste extremo da Ibéria, da Europa e da Eurásia, avançado sobre o Atlântico, foi motivo de reflexão para tantos poetas e pensadores intrigados pelo fenómeno da expansão lusíada. Não foi o seu lado telúrico que os intrigou e desafiou, porque, por esse mundo fora, há muita terra, muito chão, muita raiz e muita aldeia, a que os seus filhos de qualquer dos cinco continentes se acham ligados, também, como por cordões umbilicais. Essa é a realidade da pátria chica, da mátria, da relação com a matriz, fácil de entender porque é um dado imediato do diálogo humano com a natureza e com a comunidade próxima. Não foi também o simples facto de uma localização periférica, porque também não faltam, na roda do mundo, outras periferias, outros promontórios, outras formas geológicas viradas aos oceanos e propícias às navegações de longo curso.

Portugal, periferia privilegiada ou eleita, eis a chave do enigma. Chave que no entanto só é dada a quem reflectir sobre o espírito deste lugar que é o nosso, a partir da relação complexa entre a geografia física, a geografia humana e a geografia cultural. Espírito do lugar é expressão, efectivamente, que nos fala da emergência do espírito, segundo a condição e a liberdade de uma situação e da sua variação no tempo. Encarnação num colectivo situado, que Luís de Camões simboliza como a cabeça (Portugal) de um Corpo (a Europa), colocada pelo destino ante o oceano misterioso, desafio e destino dos filhos de Luso.

*Eis aqui, cantou, quase cume da cabeça / Da Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa / E onde Febo repousa no Oceano*⁶¹.

Por seu turno, Fernando Pessoa, inspirando-se nestes versos, desenvolve-os na famosa descrição da terra portuguesa com que abre a *Mensagem*: *A Europa jaz, posta nos cotovellos: / De Oriente a Ocidente jaz, fitando, / E toldam-lhe românticos cabelos / Olhos gregos, lembrando. / O cotovello esquerdo é recuado; / O direito é em angulo disposto. / Aquelle diz Itália onde é pousado; / Este diz Inglaterra onde, afastado, / A mão sustenta em que se appoia o rosto. / Fita, com olhar sphyngico e fatal, / O Occidente, futuro do passado. / O rosto com que fita é Portugal*⁶².

A missão portuguesa não é uma missão *na terra*, não é ou será um Reino ou um Império da terra, porque é assumida pelo povo que habita o lugar *onde a terra acaba e o mar começa*, pelo povo que é o rosto da Europa e que contempla no oceano, onde Febo repousa, o Ocidente, futuro do passado.

Mas o mar não é apenas a face dinâmica do segundo elemento da natureza, a água, pois com os elementos físicos só têm relação os corpos.

Por isso, no tradicional romance da *Nau Catrineta*, o capitão exclama: *a minha alma é só de Deus / O corpo dou-o eu ao mar*. O mar não é pois unicamente um elemento material e natural, é o espaço simbólico que para os Portugueses significa a superação da sua condição telúrica e agrária e, a um nível mais profundo, a sublimação da própria condição humana. A tentação, o risco, o sofrimento, o encantamento, como escreveu Miguel Torga, mas também o prémio de um destino transcendental

61 *Os Lusíadas*, Canto III, 20.

62 F. Pessoa, *Mensagem*, obr. cit., p. 99.

cumprido. Destino marcado por Deus para um fim universal que, mesmo errando, sofrendo, naufragando, caindo finalmente até à beira do abismo, apesar de tudo servimos. *Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena*, reflectiu sabiamente Fernando Pessoa. *Quem quer passar além do Bojador / Tem que passar além da dor. / Deus ao mar o perigo e o abysmo deu, / Mas nelle é que espelhou o céu*⁶³.

Mar imagem do infinito, escrevemos na nossa «Ode à Água», *mar profundo e majestoso, / mar de ignotas paisagens, / mar de povos incontáveis, de destinos viscosos, / mar de lendas e mitos, / onde Poseidon, em noites de luar, / / escuta o poema das sereias virgens, / mar caminbo, mar símbolo, / mar sem fim de horizonte sonbo, / mar de navegadores, descobridores, / portugueses à procura do horizonte, / em demanda da ilha que está no fim do mundo, / em busca do príncipe desejado, / de algas e naus aureolado, / mar de calmarias, / mar de tempestades, mar de vagas e espumas / erguendo fantásticas, efémeras catedrais / / na crista da onda que logo se desfaz, / mar de todos os rios / mar de todas as fontes, / mar de todas as chuvas, / finalidade imensa de todo o fluir, / atracção do movimento, / inspiração do acto, / mar de morte e logo mar de vida, / mar essencial, / pai da fecundidade, / tesouro dos rios e das águas, / criador, agitador, / santificador*⁶⁴...

Observações convergentes fizeram autores estrangeiros, ao reflectirem sobre o destino lusíada. Keyserling, por exemplo, citando Eugénio d'Ors, apontou que *Portugal é um balcão sobre o infinito*⁶⁵. E Reinhold Schneider, vendo a essência da Europa como a reunião simbólica da alvorada e do crepúsculo, do Oriente e do Ocidente, escreveu que *aqui, no extremo Ocidente, onde a costa se despenha, onde o mar tenebroso negreja promessa, sedução e perigo, desvenda-se a essência da Europa tal como a constituição das camadas de um terreno no ponto de fractura*. Por isso escreveu (no texto já em parte citado) que *Portugal, extrema faixa costeira do Ocidente, é, de certo modo, a mais europeia das nações*.

O pensador alemão via a Europa como o espaço qualificado ou heterogéneo, em todo o caso portador de uma verdade complexa e profética,

63 F. Pessoa, de «Mar Português», in *Mensagem*, obr. cit., p. 114.

64 António Quadros, de «Ode à Água», in *Imitação do Homem*, Ed. Espiral, Lisboa, 1966, pp. 21 e 22.

65 Hermann de Keyserling, *Analyse Spéctrale de l'Europe*, trad. francesa, Libr. Stock, Paris, 1931, Cap. sobre Portugal, p. 373.

em que se dá a *simultânea presença do Oriente e do Ocidente, a tensão entre ambos e a fecunda união de opostos quase destruidores, que se cruza com a tensão Norte-Sul, repercutida na história medieval e na história do espírito europeu.*

Daí que, europeus, sejamos e devamos ser ao mesmo tempo unos e diversos. Na sua estrutura, sublinha com argúcia, a Europa é *um apaixonado protesto contra qualquer simplificação, qualquer plausível solução, qualquer tentativa de redução de homens e povos a um denominador comum. E é um grandioso projecto, um salto para além dos mares, para lonjuras somente pressentidas e contempladas mas indescritíveis. Europa, acrescenta, vida litoral, o «plus ultra», a saudade – por amor da saudade, um anseio para além de si própria.*

Da perspectiva do Cabo de São Vicente, Reinhold Schneider, que esteve em Portugal pouco antes de morrer em 1958 e de ter proferido no Instituto Alemão de Lisboa a conferência de que citamos estes passos, compreendeu que estava, face ao mar envolvente, rotas do Norte, para a Inglaterra e Escandinávia, do Oeste para as Américas, do Leste para o Mediterrâneo, do Sul para África e para o Cabo da Boa Esperança, face à *típica visão europeia: a Europa sobrepujando a Europa*, comentando que *desta visão devemos viver, se queremos ser europeus. Porque a Europa sempre a si própria se ultrapassou, impelindo as suas fronteiras; por ânsia de poderio, é certo, mas também por exuberância que tende a derramar-se sobre o mundo e assim dar algo ao mundo, «novos mundos ao mundo», certamente por misteriosa eleição*⁶⁶.

Portugal, se nos é permitido o paradoxo, é a *terra marítima*, tendo à partida uma componente telúrica e uma componente oceânica. País-raiz de origem, mas desenvolvendo-se em país atlântico, no duplo sentido, geográfico e simbólico, da expressão. País europeu, paradigma da Europa, porque contendo em si, mau grado a sua pequenês territorial, a união dos opostos, Ocidente e Oriente. Ocidental é o cais de partida, *a ocidental praia lusitana*, mas durante três séculos, não só o Ocidente, mas também o Oriente será o *telos*, a finalidade do seu movimento de expansão. Tão profundo foi este movimento, que dele surgiu um novo verbo na língua portuguesa. *Orientar, orientação*, tornaram-se sinónimos do bom rumo, do rumo certo, ganhando a palavra, na sua evolução semântica, um significado pedagógico. *Orientação escolar, orientação da criança, orientação do aluno* significa impulsioná-lo no melhor sentido.

⁶⁶ R. Schneider, *Europa e a Alma de Portugal*, trad. portuguesa, obr. cit., p. 21.

O mar português por excelência é o mar exterior, o mar aberto, o oceano. Tem sido apontado não poucas vezes que Portugal, voltado embora para o Atlântico, é uma nação e tem uma cultura de esfera mediterrânica. Sem dúvida há no nosso país, na sua génese cultural e até no seu tipo mesológico e climático, acentuados componentes mediterrânicos, mas temos de acentuar no entanto que a originalidade da *terra marítima* portuguesa lhe advém desse elemento diferente, em relação à Europa Central e às nações mediterrânicas, que é a vivência do oceano sem limites, com as suas vagas poderosas recortando na costa toda uma teoria de enseadas, de cabos, de promontórios e de rochedos penhascosos, com a sua linha de horizonte perdida num espaço que dir-se-ia infinito, com a ameaça das suas tempestades, dos seus furacões e dos seus naufrágios, enfim com o desconhecido do longe e do além a despertar as almas para o enigma e para o mistério.

Foi o que Fernando Pessoa quis dizer ao contrapor o mar ilimitado dos Portugueses ao mar limitado dos Gregos ou dos Romanos, isto é, o mar interior, o Mediterrâneo: *E ao imenso e possível Oceano / Ensinam estas Quintas, que aqui vês, / Que o mar com fim será grego ou romano: / O mar sem fim é português*⁶⁷.

E foi o que projectou como ninguém, ao escrever, sob o heterónimo de Álvaro de Campos, a *Ode Marítima*: *Ah, seja como for, seja para onde for, partir! / Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar, / Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstracta, / Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas, / Levado, como a poeira, pelos ventos, pelos vendavais! / Ir, ir, ir, ir de vez! / Todo o meu sangue raiva por asas! / Todo o meu corpo atira-se p'rá frente! / Galgo p'la minha imaginação fora em torrentes! / Atropelo-me, rujo, precipito-me!... / Estoiram em espuma as minhas ânsias / E a minha carne é uma onda dando de encontro aos rochedos!*⁶⁸

Dir-se-ia a paroxística emergência barroca do inconsciente colectivo, escrita pelo poeta em hora secreta e mediúnica, a ditado desses antigos *portugueses atirados de Sagres / Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o Impossível!*⁶⁹

67 F. Pessoa, de «Padrão», in *Mensagem*, obr. cit., p. 110.

68 F. Pessoa, de «Ode Marítima», in *Poesias de Álvaro de Campos*, Publ. Europa-América, Lisboa, 1986, p. 165.

69 *Ibid.*, p. 166.